

INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL (IELT)

Apresentação de Ana Paula Guimarães a partir de www.ielt.org

Na esteira de preocupações relacionadas com o universo da literatura e das artes performativas, teatro, dança, oralidade literária, encetámos o nosso percurso naquilo a que María Zambrano chama a «modesta vida do folclore», nos anos 80, através da criação de um *Instituto de Estudos de Literatura Tradicional*, informal mas entusiasmado e empenhado; avançando em 2003 para o formato académico actual submetido a candidatura para financiamento plurianual da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Segundo carta de recomendação da UNESCO (Paris, 1989) a Literatura Tradicional/ Oral/ Popular faz parte do património universal da humanidade sendo por excelência veículo de afirmação da identidade e, simultaneamente, de aproximação entre os povos. Quase vinte anos depois, importa manter a ressalva: conceitos como identidade, tradição e nação são «entidades construídas, o mais das vezes sob a forma de oposições binárias que se traduzem quase inevitavelmente sob a forma de atitudes hostis em relação ao Outro», palavras de José Augusto Mourão numa abordagem ao «caos cultural da mundialização – entre as águas insondáveis da tradição e da modernidade». Importa acentuar, desde o princípio: projectos destes correm riscos de tocar algum fundamentalismo: o de visar – sem cobro – «a reabilitação da identidade», «a reabilitação da tradição», «a autenticidade», «o apego às raízes». Que risco? Projectar sobre o passado um «futuro radioso» fabricado pela ideologia.

Objectivos do IELT

Reconhecendo na literatura tradicional/ oral/ popular uma disciplina central nas ciências sociais e humanas, parte intrínseca do património imaterial e universal da humanidade, o *Instituto de Estudos de Literatura Tradicional* (IELT) propõe-se:

★ pensar o lugar ocupado pela literatura tradicional e cultura(s) popular(es) face às sociedades, culturas e literaturas contemporâneas e sua redefinição, por um lado, teoricamente, dentro do perfil de investigação académica, por outro atentando à sua integração na prática actual e quotidiana;

- * analisar fenómenos de intertextualidade com elementos da tradição verificados em obras de autoria individual: redescoberta e regresso à tradição, enraizamento ou alicerce;
- * avaliar a acção conservadora no processo de criação do novo, pensando o texto moderno ou contemporâneo enquanto palimpsesto pela sua relação com textos que o precedem, com textos apagados sobre os quais se sustenta (reescritos, parodiados ou citados);
- * recolher materiais de diversos géneros literários (cancioneiros, romanceiros, contos, anedotas, lendas, adivinhas e outros textos) oriundos de distintas culturas e sociedades; investigá-los com os contributos de áreas tais como Etnologia, Antropologia, Sociologia, História, Biologia, Ciências Ambientais, Matemática, no sentido de prosseguir estudos inter/ multi e transdisciplinares, visando uma compreensão abrangente dos universos literário, cultural e social;
- * continuar e futuramente alargar ainda mais o âmbito da inter/ multi- e transdisciplinaridade, prosseguindo com a criação de sessões polivalentes (com valência múltipla) onde é conciliada a palestra académica fundamentada com a feição artística, lúdica, oral/tradicional/popular;
- * desenvolver projectos de investigação a nível do espaço lusófono e transnacional, não apenas no contexto europeu mas multicultural;
- * publicar edições em língua portuguesa e línguas europeias ou em edições bilingues;
- * incentivar a divulgação internacional de recolhas e produções artísticas (documentários cinematográficos, exposições, espectáculos, edição de CDs, DVDs) relacionadas com a cultura oral/ tradicional/ popular incentivando o reconhecimento do valor e da actualidade (por vezes, secreta, invisível) destas manifestações ancestrais na sociedade e na arte contemporâneas;
- * motivar para o ensino desta vasta e prenhe área de estudos a nível dos ensinos básico, secundário e universitário, enfatizando a promoção local e internacional dos conhecimentos;
- * entusiasmar para a reflexão sobre a leccionação desta disciplina a nível escolar e universitário, bem como prosseguir na dinamização de acções de valorização da(s) cultura(s) popular(es), eventualmente subversiva(s), nomeadamente quando, perante produtos da cultura de massa, imposta e homogeneizante, a(s) passa a usar como partitura ou fermento de novas criações;
- * dinamizar, partindo sempre de uma perspectiva crítica, acções de apresentação e valorização de patrimónios de culturas populares/ popularizadas/ popularizantes e/ou

marginais/ marginalizadas, em comunidades rurais e/ou urbanas, quer conservando, quer inovando;

* continuar, assim, por várias vias, a encorajar o respeito pela especificidade da literatura tradicional, vendo nela um vasto *campo* de acção, não apenas a nível da recolha e museificação mas sobretudo do tratamento de dados;

* investir em acções de formação da comunidade ao longo da vida e implementar doutoramentos e pós-doutoramentos em universidades portuguesas e estrangeiras com vista a conhecer rigorosamente o património imaterial preservado e a produzir sobre ele diversos objectos científicos e culturais.

Programas de Investigação

* **Cantos, contos... e que mais**

* **Tradição e modernidade**

* **Falas da Terra - Natureza e Ambiente na tradição popular portuguesa**

Quais os objectivos deste último programa, *Falas da Terra*?

Em primeiro lugar, tentamos conhecer comportamentos literais e simbólicos a nível do imaginário português; por outro procuramos entender a atitude ecológica subjacente ao *corpus* tradicional.

Este projecto investe numa das prioridades dos programas de investigação e educação ambiental: a documentação sobre a visão e percepção da natureza por parte das próprias populações (num âmbito a que se terá convencionado chamar etnoecologia, com variantes de etnobotânica, por exemplo). Em última instância, a forma como a tradição popular portuguesa conta ou canta o seu ambiente inserir-se-ia no âmbito dos estudos denominados por Cheryll Burgess Glotfelty de «ecocriticism». Este projecto parece comprovar a fertilidade da pesquisa universitária e da tentativa de criação de saber, ora em dupla, ora em equipa. Palavras de François Jacob:

Porque é que as duplas representaram um papel tão importante? Porque é que esta época e esta disciplina foram tão propícias à formação de duplas? Foi devido ao carácter interdisciplinar desta investigação? Ou à diversidade das técnicas usadas nestas investigações vindas de domínios diferentes? À complexidade das experiências? Tudo isto me parece pouco provável. Muito mais do que o lado experimental, foi sobretudo o aspecto teórico que permitiu às duplas exhibir os seus talentos e provar a sua eficácia. Quando uma ciência está a dar os

primeiros passos, quando a paisagem ainda está indefinida e aberta é quando existem mais oportunidades para imaginar teorias e construir modelos. Ora, para cozinhar teorias e modelos, é melhor ser dois que um só. O monólogo interior convém menos a este exercício que o diálogo de dois espíritos habituados a cooperar, a debater, a criticar-se um ao outro, a confrontar duas maneiras diferentes de considerar o mundo.

Justamente pelo seu carácter interdisciplinar, ponto de encontro entre as ciências da natureza e as ciências humanas, a Ecologia surge como disciplina adjunta a este processo. Lançamos o desafio: trata-se de ver nas colecções/recolhas uma pulsão conservadora que faz do *parque natural* onde os textos se encontram (páginas de um livro) alguma coisa de falso (não chegando a ser *fake*, fabricado à maneira de?) por lhe ter sido retirado o contexto original mas também qualquer coisa de autêntico por se preservarem textos como formas de vida natural tanto quanto possível sem intervenção humana (sem correcções, adaptações). A literatura tradicional, por vezes tão dificilmente apreensível e catalogável aquando na sua dimensão performativa, ressurge em colecção *vedada* de vandalismos vindos do exterior, *cercada* por uma designação genérica, *preservada* e *imunizada* no presente para que um trabalho futuro possa vir a ser realizado.

Entendemos a literatura tradicional em volume e em processo de análise como uma forma de Ecomuseu, um centro de investigação, observatório e laboratório, ponto de encontro de investigadores de diversas áreas do saber. O quadro de disciplinaridade instalado nas nossas universidades tem sido substancialmente posto em causa. A incapacidade de ver para além dos limites impostos pela disciplina (sem dúvida com importância prática na estruturação de cursos e organizações curriculares), a excessiva compartimentação do ensino e a fragmentação do saber tem deixado por explorar importantes avenidas do conhecimento e tem alimentado o estado de iliteracia ecológica. Só quebrando padrões de disciplinaridade se conseguirá visar a chamada «connective education» (David Orr) essencial para lidar com os complexos assuntos ambientais que não podem ser entendidos no âmbito de uma simples disciplina ou departamento. De facto, se, por um lado, a própria ecologia se constitui na interrelação de saberes, por outro, a alfabetização ecológica cumpre-se educando na capacidade de conjugar «landscape» e «mindscape», pensando em espaço aberto, reconhecendo as ligações em vez de as desfazer e rupturar. Seis princípios de interligação facilitam a tarefa a quem se envolve no estudo de questões ambientais a propósito da ciência, da técnica ou das humanidades:

1. Toda a educação é educação ambiental;

2. Os tópicos e assuntos ambientais são complexos e não podem ser entendidos por uma só disciplina e por um só departamento;

3. Para os habitantes de uma determinada comunidade, a educação ocorre em parte num diálogo com o próprio lugar e com a sua própria conservação;

4. A forma como a educação é levada a cabo é tão importante como o seu conteúdo;

5. A experiência de contacto com o mundo exterior, incluindo o chamado mundo natural, é essencial na compreensão do ambiente e conduz a um pensamento claro e rigoroso;

6. A educação desafia à construção de uma sociedade sustentável e desenvolve a competência individual para lidar com os sistemas naturais.

Seguimos as propostas programáticas de Dale Jamieson (1996):

1. O programa de estudo deve ser orientado a partir de um problema. Daí que trabalhemos a partir de questões básicas colocadas na actualidade, nomeadamente, nos media e no discurso científico e tecnológico, por exemplo, a política dos rios, a falta de água, a extinção de determinadas espécies, as alterações climáticas, crescimento populacional, família, parentesco, solidariedade social e adopção. Não deixará de interessar à comunidade conhecer o modo como a tradição tem vivido estas situações quer problematizando-as, quer cantando-as ou contando-as em textos que fazem parte do seu imaginário e que, de tão próximos, acabam por não ser vistos e observados pelos discursos dominantes.

2. A perspectiva deve ser comparatista. O percurso pelos textos não dispensará finalmente uma ligação ao discurso da biologia, por exemplo. Como tal, contamos com a presença de investigadores capazes de equacionar o problema tal como ele é colocado nas humanidades e no discurso científico.

3. O conhecimento deve ser substantivo («substantive knowledge», segundo Jamieson) e capacitar os investigadores para a prática numa atitude de humildade, de empatia para com o objecto de estudo e para com os informantes sempre com a preocupação de ligar o mundo da investigação bibliográfica e informática à experiência de terreno.

Visa este projecto agir no sentido de proporcionar instrumentos de trabalho para o ensino, tentando prestar serviço à comunidade quer no fornecimento de dados sobre a representação do ambiente no imaginário, quer na aplicação prática de determinados resultados.